Da gramática à construção de sentidos: a linguagem como espaço de interação e reflexão em sala de aula

Amanda Lopes Bezerra*
Manassés Morais Xavier**

Resumo

Este artigo discute a Análise Linguística em Perspectiva Dialógica (ALD) como uma abordagem contextualizada e crítica para o ensino de língua portuguesa, em contraposição a práticas tradicionalmente centradas na aprendizagem de regras gramaticais. Fundamentada, sobretudo, nas concepções do Círculo de Bakhtin, a pesquisa compreende a linguagem como fenômeno social, dinâmico e interativo, perspectiva que também orienta a compreensão do processo de ensino e aprendizagem. O estudo tem como objetivo analisar as percepções de estudantes do Ensino Médio acerca da aprendizagem da Língua Portuguesa antes e após uma intervenção didática fundamentada na ALD. Metodologicamente, caracteriza-se como uma pesquisa-ação, com coleta de dados realizada por meio da elaboração de nuvens de palavras na plataforma Mentimeter, a partir das respostas apresentadas pelos estudantes antes e após a intervenção didática. Inicialmente, predominaram concepções associadas a uma perspectiva tradicional de ensino, sintetizadas em expressões como "aprender gramática", contudo, posteriormente, apareceram noções relacionadas à "leitura

* Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande, especialista em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, especialista em Docência com ênfase na Educação Inclusiva pelo Instituto Federal de Minas Gerais. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-1756-7989.

** Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba, Especialista em Tecnologias Digitais na Educação e Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba. Professor Associado I de Língua Portuguesa e Linguística e Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino na Universidade Federal de Campina Grande. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2628-8183.

crítica", à "construção de opiniões" e à percepção de estratégias de "manipulação". Os resultados evidenciam uma mudança nas percepções dos estudantes e indicam contribuições da ALD para o desenvolvimento de uma relação mais reflexiva e crítica com a linguagem. Conclui-se que práticas pedagógicas contextualizadas e dialógicas podem ampliar a compreensão dos estudantes acerca dos usos sociais da língua e aproximar sua aprendizagem das práticas discursivas presentes na realidade sociocultural.

Palavras-chave: leitura crítica; análise linguística em perspectiva dialógica; nuvem de palavras; Círculo de Bakhtin; Ensino Médio.

From Grammar to the Construction of Meaning: Language as a Space for Interaction and Reflection in the Classroom

Abstract

This article discusses Dialogic Linguistic Analysis (ALD) as a contextualized and critical approach to Portuguese language teaching, in contrast to traditional practices primarily focused on the learning of grammatical rules. Drawing mainly on the theoretical principles of the Bakhtin Circle, the study conceives language as a social, dynamic, and interactive phenomenon, a perspective that also informs its understanding of the teaching and learning process. The study aims to analyze upper secondary school students' perceptions of learning Portuguese before and after a pedagogical intervention grounded in ALD. Methodologically, the study adopts an action research approach, with data collected through word clouds created using the Mentimeter platform based on students' responses before and after the pedagogical intervention. Initially, students' perceptions were predominantly associated with a traditional view of language teaching, reflected in expressions such as "learning grammar." After the intervention, however, notions related to "critical reading," "opinion formation," and the recognition of "manipulation" strategies emerged. The results reveal a shift in students' perceptions and point to the contributions of ALD to the development of a more reflective and critical engagement with language. The study concludes that contextualized and dialogic pedagogical practices can broaden students' understanding of the social uses of language.

Keywords: critical reading; dialogical perspective linguistic analysis; word cloud; Bakhtin Circle; high school.

Recebido em: 10/04/25 // Aceito em:// 24/08/26

INTRODUÇÃO

Em 1984, a publicação da coletânea "O texto na sala de aula", organizada por João Wanderley Geraldi, contribuiu para as mudanças das discussões acerca do ensino de Língua Portuguesa (LP) no Brasil ao propor o deslocamento de práticas centradas predominantemente na gramática normativa para um trabalho em que o texto e os usos concretos da linguagem assumissem maior centralidade. Nesse contexto, a análise linguística (AL) é vinculada, inicialmente, às práticas de produção textual, privilegiando a reflexão sobre os recursos linguísticos mobilizados pelos sujeitos em seus enunciados.

> Chamo atenção para os aspectos sistemáticos da língua e não para a terminologia gramatical com que a denominamos. O objetivo não é o aluno dominar a terminologia (embora possa usá-la), mas compreender o fenômeno em estudo (Geraldi, 1984, p. 74).

A partir dessa perspectiva, o domínio da terminologia gramatical não é compreendido como ponto de chegada, embora também não seja desconsiderado. O trabalho pedagógico volta-se à compreensão dos fenômenos linguísticos em funcionamento, relacionados às situações concretas de uso da língua e aos sentidos produzidos pelos sujeitos.

Ao longo do tempo, essa proposta foi ampliada, passando a considerar também a leitura, uma vez que ambas as práticas são indissociáveis no processo de ensino e aprendizagem de língua. Esse movimento busca superar um ensino predominantemente normativo e desconectado do uso real da linguagem, aproximando a reflexão linguística das práticas sociais dos sujeitos.

Os estudos do Círculo de Bakhtin, a partir das abordagens dialógicas da linguagem, oferecem contribuições para essa ampliação. A Teoria Dialógica da Linguagem compreende a língua como fenômeno social constituído na interação entre os sujeitos e considera que os sentidos não se restringem à estrutura gramatical, mas se constroem nas relações entre interlocutores histórica e socialmente situados (Volóchinov, 2018 [1929]).

A aproximação entre essas discussões e os estudos sobre análise linguística contribui para o desenvolvimento da análise linguística em perspectiva dialógica (ALD), que considera as relações sociais e culturais mediadas pela linguagem (Polato; Menegassi, 2018; Acosta Pereira, 2022). Nessa perspectiva, a reflexão sobre a língua ultrapassa a identificação das formas linguísticas para investigar como determinadas escolhas participam da construção de sentidos em situações concretas de interação.

> Significa entender que todo uso da língua, nas interações sociais, reverbera projeções ideológicas e valorativas, que saturam os usos linguísticos de diferentes sentidos. É entender que todo ato reflexivo sobre/dos recursos linguísticos empregados no interior da enunciação demanda uma análise de como esse recurso potencializa sentidos a depender da situação de interação. Muda-se a situação de interação social, mudam-se os enunciados e, por sua vez, os diferentes recursos da língua (de) marcam sentidos particulares (Acosta Pereira, 2022, p. 31-32).

Essa expansão insere a reflexão sobre a linguagem em seus contextos histórico, social e cultural, considerando as condições de produção dos enunciados e os sujeitos envolvidos nas interações.

É nesse horizonte que esta investigação se insere. Os dados originam-se de uma pesquisa-ação (Queiroz *et al.*, 2023) desenvolvida com estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual de Campina Grande, Paraíba. A intervenção didática ocorreu entre setembro e outubro de 2024, durante o período das eleições municipais, e envolveu práticas de leitura e ALD a partir de notícias relacionadas ao contexto eleitoral. Ao longo dos encontros, os estudantes discutiram e compararam diferentes formas de construção discursiva dos acontecimentos, atentando para as escolhas linguísticas realizadas nos textos e os efeitos de sentido produzidos por elas.

Os estudantes responderam à pergunta: "Por que estudamos a Língua Portuguesa?", antes e após a intervenção. As respostas foram registradas por meio da plataforma Mentimeter, ferramenta digital interativa que permite coletar respostas e representá-las, entre outros formatos, em nuvens de palavras. A utilização da mesma questão nos dois momentos possibilitou comparar as percepções manifestadas pelos estudantes antes e depois da experiência pedagógica.

A partir disso, o objetivo deste artigo consiste em analisar as respostas produzidas pelos estudantes nos dois momentos da investigação, buscando compreender possíveis deslocamentos em suas percepções acerca das finalidades do estudo de LP após uma intervenção didática orientada pela ALD. Especificamente, interessa observar como os vocábulos e expressões mobilizados nas respostas se relacionam às concepções de língua e de aprendizagem manifestadas pelos participantes e discutir as diferenças identificadas entre as produções anteriores e posteriores à intervenção.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As discussões teóricas desta investigação organizam-se a partir de dois eixos necessários à compreensão das práticas de linguagem abordadas. O primeiro aborda a ALD, considerando a linguagem como prática social constituída nas relações entre sujeitos, enunciados e contextos de interação; enquanto o segundo discute à leitura crítica no contexto digital, levando em consideração as transformações provocadas pela circulação de textos multimodais, ampliação do acesso à informação e novas formas de produção e construção de sentidos. A articulação dessas noções permite compreender a análise linguística não como uma atividade restrita à identificação de estruturas formais da língua, mas como uma prática de reflexão sobre os recursos linguísticos e semióticos mobilizados pelos sujeitos na produção, interpretação e avaliação crítica dos discursos que circulam socialmente.

2.1 Análise linguística em perspectiva dialógica: entre enunciados e interações

A ALD propõe uma compreensão da linguagem como um fenômeno dinâmico e situado, no qual o enunciado torna-se uma unidade isolada, mas uma parte de um todo interativo que se constrói no diálogo com o outro (Polato, 2017; Fuzza; Ritter, 2021; Polato; Menegassi, 2021a). Nessa abordagem, a linguagem não é vista apenas como um sistema de regras e/ou normas fixas, mas como um campo de relações, de vozes e de significados em constante transformação. Essa perspectiva é baseada nos estudos

do Círculo de Bakhtin, que compreende a língua como um espaço vivo de interação social, compreendendo o discurso que se forma a partir de múltiplas influências (externas e internas).

O discurso, segundo a Teoria Dialógica da Linguagem, não deve ser entendido como um fenômeno estático ou isolado (como pretende a maior parte dos estudos relacionados à metalinguística), mas como um "[...] fenômeno concreto, muito complexo e multifacetado" (Bakhtin, 2008 [1929], p. 207), que se constrói no encontro entre enunciadores e interlocutores, nos contextos sociais e nas interações cotidianas. O enunciado, portanto, não se constitui como uma simples transmissão de informações, mas uma construção contínua e coletiva de significados. Cada palavra ou expressão carrega consigo a herança de outros discursos, outras histórias e experiências de outros sujeitos e quando um enunciador se utiliza da linguagem não está apenas compartilhando um ponto de vista, mas também ecoando as vozes de outros, muitas vezes de forma inconsciente.

No contexto educacional, essa perspectiva exige repensar as práticas pedagógicas tradicionais, que muitas vezes enfatizam o aprendizado de regras de forma descontextualizada da prática social. O ensino da língua, sob essa percepção, deve ser visto como uma prática que envolve o estudante de forma ativa, considerando seu papel como interlocutor em um campo de interação social. Sobre o assunto, Acosta Pereira destaca:

> A PAL/S [Prática de Análise Linguística/Semiótica] se integra às práticas de leitura, de oralidade e de produção de textos. [...] Com isso ao se trabalhar com a PAL/S nas aulas de língua portuguesa, prática de leitura, oralidade e de produção de textos precisam ser integradoras, articuladas a PAL/S, ou seja, as atividades didático-pedagógicas de PAL/S nas atividades de leitura, oralidade e produção de textos (Acosta Pereira, 2022, p. 73).

Essa perspectiva destaca a necessidade de conectar o ensino de LP às práticas sociais, afastando-se da ênfase exclusiva em regras gramaticais. O aluno, nesse contexto, é visto como um sujeito ativo, envolvido na reflexão sobre o uso da linguagem em suas interações cotidianas, a partir de práticas envolvendo a oralidade, a escrita e a leitura. Sendo assim, o ensino se torna um instrumento para a compreensão crítica e contextualizada do papel da linguagem nas relações históricas, sociais, políticas e humanas.

A linguagem também é entendida como um processo aberto, em que cada enunciado é uma escolha entre inúmeras possibilidades. Essa flexibilidade, no entanto, não significa que esse objeto de estudo seja algo indefinido ou sem limites, como argumenta Geraldi (2015, p. 119), "[...] privilegiar o estudo do texto na sala de aula é aceitar o convívio com a instabilidade, com um horizonte de possibilidades de dizer que cada texto se concretiza em uma forma a partir de um trabalho de estilo". Essa instabilidade é, na verdade, uma característica fundamental da comunicação humana, pois a escolha de palavras, orações, cores e imagens, entre outros elementos verbais ou não verbais, revelam intenções, posições ideológicas e perspectivas que estão sempre em negociação.

Além disso, a perspectiva dialógica reconhece que a linguagem se encontra relacionada diretamente ao contexto sociocultural no qual está inserida. Na ALD o significado de um enunciado não pode ser compreendido fora do contexto social mais amplo que o envolve. Sobre esse assunto, compreendemos que:

> [...] todo enunciado cotidiano é um etimema objetivo social. É como se fosse uma "senha", conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo horizonte social.

> A particularidade dos enunciados da vida consiste justamente no fato de que eles estão entrelaçados por mil fios ao contexto extraverbal da vida e, ao serem isolados dele, perdem praticamente por completo o seu sentido: quem não conhece o seu contexto da vida mais próximo não irá entendê-los (Volóchinov, 2019 [1926], p. 121).

Essa relação intrínseca entre enunciado e contexto ressalta a função da linguagem como mediadora das experiências humanas. Não se trata, mais uma vez, de apenas transmitir informações, mas sim de expressar valores, intenções e perspectivas que surgem das relações subjetivas, além de interações sociais e culturais. Sob essa perspectiva, a ALD expande seu campo de estudo para além do texto, explorando as conexões invisíveis que vinculam as palavras aos significados compartilhados pelos indivíduos em distintas vivências cotidianas e isso permite questionar de que maneira a linguagem não apenas reflete, mas também influencia e organiza as relações humanas.

Ao integrarmos essas perspectivas na AL, estamos, na verdade, fazendo um movimento ainda mais amplo: reconhecendo que as práticas comunicativas são, em sua essência, um espaço de interação social, no qual as vozes se encontram, se confrontam e, muitas vezes, se contradizem. Esse desafio, embora complexo, é uma oportunidade para formar cidadãos críticos, que não apenas têm a capacidade de compreender a estrutura da língua, mas que a utilizam de forma consciente e crítica na sociedade.

2.2 Além das linhas: o poder da leitura crítica no mundo digital

A popularização de celulares, computadores e outros dispositivos, associada à expansão do acesso à internet e às

redes sociais, transformou as práticas contemporâneas de leitura e escrita. Segundo dados da 6ª edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro em 2024, 53% dos mais de 5 mil entrevistados não se declararam leitores (Santos, 2024). Ao mesmo tempo, o percentual de pessoas que conhecem e consomem livros digitais passou de 30% em 2011 para 48% em 2024 (Assis, 2024), indicando transformações nas formas de acesso e de compreensão das práticas de leitura.

Oliveira *et al.* (2023) compreendem a leitura como um processo que envolve tanto a decodificação das informações escritas quanto sua interpretação a partir dos conhecimentos de mundo e dos repertórios dos sujeitos. No contexto contemporâneo, essa prática ocorre cada vez mais em ambientes digitais, nos quais textos circulam associados a imagens, cores, hiperlinks e outros recursos multimodais, ao mesmo tempo que os leitores são expostos a diferentes opiniões e informações de circulação imediata (Filha; Pereira; Valerio, 2024).

Essas mudanças atingem inúmeros aspectos envolvidos no ato de ler e compreender textos. Entre os elementos que ampliam as exigências da leitura na contemporaneidade estão a circulação de múltiplas opiniões, por vezes opostas, sobre uma mesma temática, o acesso imediato a informações, o uso de recursos visuais, como imagens, cores e fontes, de recursos digitais, como os hiperlinks, e de recursos escritos, relacionados, por exemplo, às escolhas lexicais e à organização das informações. Esses elementos, associados à realização simultânea de diferentes tarefas, como o recebimento de mensagens e as conversas on-line, evidenciam a diversidade de habilidades atualmente mobilizadas pelos leitores (Filha; Pereira; Valerio, 2024).

As novas demandas da atualidade requerem transformações na postura dos indivíduos e, em consonância, das instituições de ensino. Todos os recursos mobilizados na construção de sentido são fundamentais para provocar reflexão e o pensamento crítico dos estudantes. Essa perspectiva convida os sujeitos a compreender que:

> É através do enunciado que o enunciador oferece ao outro as coordenadas com as quais este buscará estabelecer uma relação entre o objeto físico (que é enunciado) e o acontecimento aí apresentado (e não representado, porque a representação supõe fidelidade, enquanto a apresentação contém a forma como o acontecimento foi compreendido e a imagem que dele se quer que o outro tenha) (Geraldi, 2015, p. 106).

Em vista disso, a escola, concebida como espaço de formação, necessita integrar práticas que dialoguem com as novas formas de leitura, incluindo o uso de tecnologias digitais como ferramentas pedagógicas, a promoção de atividades que incentivem o pensamento crítico diante da grande quantidade de informações disponíveis na internet e o estímulo à reflexão sobre o impacto da linguagem e dos recursos visuais e multimodais na construção de significados. Nesta perspectiva, torna-se fundamental preparar os estudantes para navegar em um ambiente em que textos, imagens, vídeos e sons são utilizados (individualmente ou em conjunto) como forma de defender posicionamentos e pontos de vista, ou seja, apresentar os acontecimentos do mundo sob óticas distintas.

A leitura crítica, sobretudo no mundo digital, desenvolve a habilidade de analisar e refletir posicionamentos em meio à sobrecarga de conteúdos aos quais os indivíduos estão expostos diariamente. Esse processo implica compreender o contexto

no qual os dados são gerados e identificar as intenções que influenciam a produção de enunciados, além de permitir a avaliação da veracidade, coerência e relevância da informação disponível. A leitura crítica no ambiente digital é, assim, uma prática fundamental no processo de formação de cidadãos que possam atuar de maneira consciente e reflexiva na sociedade contemporânea.

3 METODOLOGIA

Os dados analisados nesta investigação originam-se da experiência pedagógica desenvolvida pela autora no âmbito de sua dissertação de mestrado, sob orientação do coautor. Trata-se de uma pesquisa-ação realizada em uma turma do Ensino Médio de uma escola pública localizada em Campina Grande, Paraíba, e aprovada pelo Comitê de Ética sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética nº 79994824.1.0000.5182 e parecer nº 7.035.959. O estudo adotou os pressupostos metodológicos da ALD, fundamentados na Teoria Dialógica da Linguagem, tendo em vista um ensino de LP mais crítico e reflexivo.

A pesquisa-ação caracteriza-se pela articulação entre investigação e intervenção, permitindo ao pesquisador compreender a realidade investigada ao mesmo tempo que atua sobre ela. Nessa perspectiva, os participantes não são considerados apenas objetos da pesquisa, mas sujeitos envolvidos na construção do conhecimento, mediante processos de reflexão e discussão acerca das situações que constituem seu cotidiano (Queiroz *et al.*, 2023). Tal compreensão aproxima-se das proposições do Círculo de Bakhtin e dos estudos contemporâneos sobre a linguagem.

No percurso metodológico desenvolvido em sala de aula, com base nas proposições da ALD, reelaboramos o tripé proposto por Geraldi (1984, 1997), considerando as discussões desenvolvidas por Polato, Ohuschi e Menegassi (2020), Polato e Menegassi (2021b) e Acosta Pereira (2022). A partir desse diálogo teórico, as atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas foram compreendidas conforme sintetizado no Quadro 1.

Quadro 1 - Caracterização das atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas na perspectiva dialógica

Tipo de atividade	Caracterização
Atividades linguísticas	Consideram a construção e a compreensão textual-discursiva inseridas em contextos valorativos, históricos e sociais. A produção de sentidos direcionada aos dois lados da interação (locutor e interlocutor) não deve desconsiderar os aspectos internos e externos dos enunciados
Atividades epilinguísticas	Compreendem a avaliação realizada pelos sujeitos a partir do "[...] signo ideológico, consciência socioideológica, entonação expressiva, tema, vozes sociais, relações dialógicas, extraverbal da enunciação, cronotopo, enunciado, gênero e outros" (Polato; Menegassi, 2021b, p. 185). Dessa maneira, constituem-se na relação entre os sujeitos envolvidos nas produções discursivas

Atividades metalinguísticas	Articulam-se às atividades anteriores e, consequentemente, ampliam-se para contemplar aspectos valorativos, reflexivos e contextuais, uma vez que as relações entre os sujeitos envolvidos nos processos enunciativos participam da construção das interpretações e das compreensões dos acontecimentos.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Esse esquema metodológico considera que os enunciados se constroem na relação entre concepções, ideologias e visões de mundo dos diferentes sujeitos (Bakhtin, 2013 [1944-1945]; Volóchinov, 2018 [1929]). Nesta investigação, as práticas de leitura foram privilegiadas e potencializadas por meio da ALD, considerando sua contribuição para o desenvolvimento de uma compreensão crítica dos enunciados.

A intervenção didática foi desenvolvida ao longo de seis encontros e tomou como contexto social imediato as eleições municipais de 2024, na cidade de Campina Grande. Foram selecionadas notícias relacionadas ao processo eleitoral que abordavam os mesmos acontecimentos, mas apresentavam construções discursivas distintas. A leitura comparativa desses enunciados buscou problematizar como diferentes escolhas linguísticas podem orientar a construção dos sentidos e produzir avaliações distintas acerca de um mesmo acontecimento.

As atividades foram realizadas por meio de questões que buscavam promover o debate sobre as escolhas linguísticas presentes nos enunciados, sobretudo as formas de nomear e caracterizar os candidatos e os acontecimentos, assim como representar suas ações. Os estudantes foram incentivados a comparar palavras e expressões empregadas nas notícias,

discutir os efeitos de sentido produzidos por essas escolhas e refletir sobre as avaliações e os posicionamentos implicados. O trabalho articulou, assim, a compreensão global das notícias à análise de recursos linguísticos específicos, evidenciando como substantivos, adjetivos e verbos participam da orientação dos sentidos e da construção discursiva dos acontecimentos.

Para acompanhar possíveis mudanças nas percepções dos estudantes acerca do ensino e da aprendizagem de LP, os dados foram produzidos em dois momentos: antes do início da intervenção didática e após a realização do percurso pedagógico. Em ambos, os estudantes responderam, por meio da plataforma Mentimeter – ferramenta digital que permite coletar e representar visualmente respostas – à pergunta: "Por que estudamos a Língua Portuguesa?" A utilização da mesma questão nos dois momentos possibilitou comparar as percepções apresentadas pelos participantes antes e depois da intervenção. As respostas do primeiro momento deram origem à primeira nuvem de palavras e, após seis encontros, a reaplicação da questão originou a segunda.

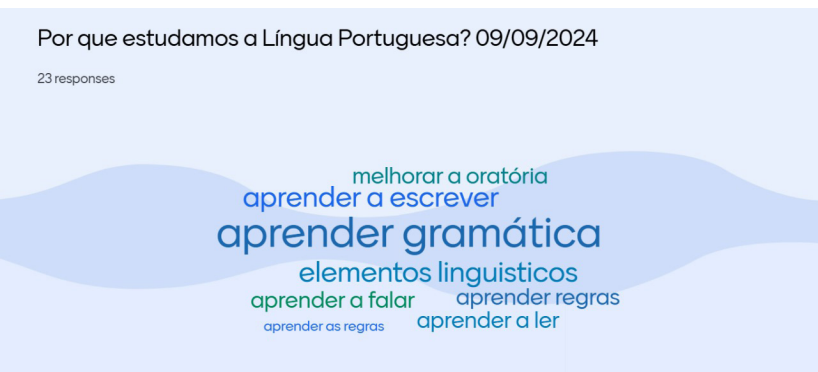
Para a análise dos dados, adotamos uma abordagem qualitativa de caráter interpretativista. A pesquisa qualitativa busca compreender os fenômenos considerando sua complexidade e os significados construídos pelos participantes, sem reduzir os dados a variáveis isoladas (Lösch; Rambo; Ferreira, 2023). O interpretativismo, por sua vez, parte do pressuposto de que os significados são construídos nas relações sociais e discursivas (Ribeiro *et al*., 2023). Dessa forma, as nuvens de palavras são analisadas a partir das escolhas lexicais e expressões apresentadas pelos estudantes, considerando seus contextos de enunciação, as experiências de aprendizagem desenvolvidas durante a intervenção e as interações estabelecidas ao longo das atividades.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como explicitado nos procedimentos metodológicos, antes da intervenção didática, os estudantes responderam, por meio da plataforma Mentimeter, à pergunta: “Por que estudamos a Língua Portuguesa?”

As respostas fornecidas nesse primeiro momento deram origem à nuvem de palavras apresentada na Figura 1 e permitem observar algumas das percepções dos estudantes acerca das finalidades atribuídas ao estudo de LP no contexto escolar.

Figura 1 - Respostas dos estudantes antes da intervenção didática



Fonte: Acervo dos autores na plataforma Mentimeter.

A partir dos dados evidenciados na Figura 1, constatamos a associação direta entre as aulas de LP e a aprendizagem de regras gramaticais com 8 das 23 respostas apresentadas pelos estudantes. Neste momento é fundamental destacarmos que existem diferentes tipos de compreensão sobre o que é gramática, conforme discutido pela educadora e linguista Irandé Antunes:

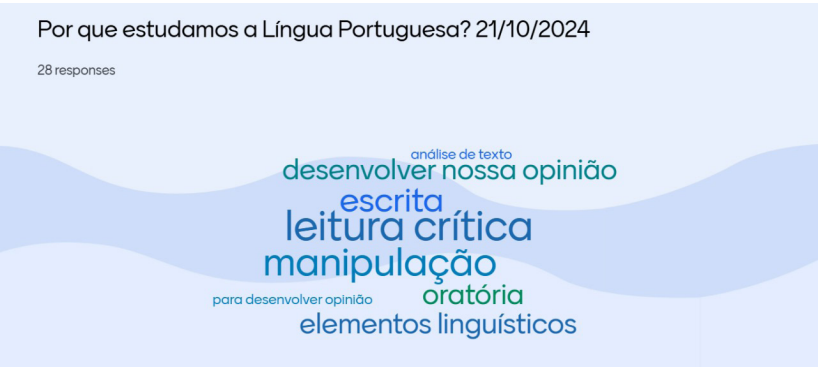
> Na verdade, quando se fala em gramática, pode-se estar falando:
>
> a) das regras que definem o funcionamento da língua, como em: "a gramática do português"; nessa acepção, a gramática corresponde ao saber intuitivo que todo falante tem de sua própria língua, a qual tem sido chamada de "gramática internalizada";
>
> b) das regras que definem o funcionamento de determinada norma, como em: "a gramática da norma culta", por exemplo;
>
> c) de uma perspectiva de estudo, como em: "a gramática gerativa", "a gramática estruturalista", "a gramática funcionalista", ou ainda de uma tendência histórica de abordagem, como em: "a gramática tradicional, por exemplo;
>
> d) de uma disciplina escolar, como em "aulas de gramática";
>
> e) de um livro, como em: "a Gramática de Celso Cunha" (Antunes, 2020, p. 30).

Para cada entendimento sobre gramática, Antunes discute e ressalta a sua importância para compreender e estudar uma língua, contudo não nos parece se tratar dessa multiplicidade de possibilidades e conhecimentos que compõem a resposta "aprender gramática". Na verdade, historicamente, as aulas de LP nas escolas brasileiras se construíram a partir do ensino de regras descontextualizadas e transmissão de conteúdos ressaltando a ideia de que estaríamos lidando com elementos estáticos. Esse conceito é confirmado ao observarmos a sinalização de "aprender as regras" e "aprender regras" também atribuída pelos alunos na nuvem de palavras.

Neste momento é fundamental destacarmos que não negamos a importância de estudar gramática nas escolas, entretanto isso já foi objeto de estudo de inúmeras investigações (Possenti, 1996; Silveira, 1997; Travaglia, 2001; Neves, 2004; Antunes, 2007; Bortoni-Ricardo *et al.*, 2020, entre outros) e tornou-se consenso entre linguistas e professores que o processo de ensino-aprendizagem não pode ancorar-se em perspectivas estritamente tradicionais que se concentram apenas em decodificar a língua.

As demais respostas apresentadas pelos estudantes antes da experiência pedagógica, conforme a Figura 1, foram: com três ocorrências, "aprender a escrever" e "elementos linguísticos"; e, com duas ocorrências, "aprender a falar", "aprender a ler" e "melhorar a oratória". Esses dados sugerem uma compreensão das aulas de LP ainda associada ao aperfeiçoamento de habilidades linguísticas específicas e ao domínio de aspectos formais da língua. Após a intervenção didática fundamentada na ALD, entretanto, observam-se mudanças nas respostas dos estudantes, conforme apresentadas na Figura 2.

Figura 2 - Respostas dos estudantes após a intervenção didática



Fonte: Acervo dos autores na plataforma Mentimeter.

A comparação entre os dois momentos permite observar possíveis deslocamentos nas percepções dos estudantes acerca das finalidades do estudo de LP. Na segunda nuvem, respostas como "leitura crítica", "manipulação" e "escrita" ganham destaque. Essa mudança pode ser relacionada ao percurso desenvolvido durante a intervenção didática, quando os estudantes participaram de atividades de leitura e comparação de notícias sobre as eleições municipais de Campina Grande, observando como textos referentes a acontecimentos semelhantes mobilizavam diferentes escolhas linguísticas e produziam diferentes efeitos de sentido. Nesse processo, o trabalho com verbos, substantivos e adjetivos não se restringiu à identificação ou classificação dessas categorias, mas esteve articulado à reflexão sobre sua participação na construção dos enunciados.

A presença da expressão "leitura crítica" na segunda nuvem sugere uma ampliação na maneira como parte dos estudantes passou a compreender a prática de leitura nas aulas

de LP. Conforme a Base Nacional Comum Curricular, diferentes habilidades relacionadas à leitura são desenvolvidas ao longo do processo de escolarização (Brasil, 2018); entretanto, a leitura crítica demanda a articulação de conhecimentos, experiências e posicionamentos dos sujeitos diante dos enunciados. Nessa perspectiva, "[...] o sujeito é corresponsável pelo que lê" (Cavalcante, 2024, p. 4), uma vez que diferentes condições de produção possibilitam diferentes leituras de um mesmo texto.

Sendo assim, tanto o locutor quanto o interlocutor participam da construção de sentidos. Essa compreensão também pode ser relacionada às respostas "desenvolver nossa opinião" e "para desenvolver opinião", presentes na Figura 2.

Durante a intervenção, os estudantes foram incentivados não apenas a identificar recursos linguísticos, mas a refletir sobre como determinadas escolhas contribuíam para construir diferentes formas de apresentar sujeitos, ações e acontecimentos relacionados ao contexto eleitoral.

As respostas "elementos linguísticos" e "manipulação" também podem ser compreendidas em relação às atividades de comparação realizadas durante a intervenção. Ao entrarem em contato com notícias que abordavam acontecimentos semelhantes por meio de diferentes escolhas linguísticas, os estudantes puderam observar que os recursos mobilizados nos textos participam da orientação dos sentidos e podem expressar diferentes avaliações e posicionamentos. Essa compreensão aproxima-se das contribuições de Volóchinov (2019 [1926]), para quem a organização dos enunciados se relaciona diretamente às condições sociais de interação, aos interlocutores e às avaliações compartilhadas no ambiente em que o discurso é produzido.

Portanto, o estudo do texto, em perspectiva dialógica, não se restringe ao nível puramente linguístico, mas envolve relações sociais, culturais e ideológicas, nas quais forma e conteúdo estabelecem relações de dependência entre si (Bakhtin, 2013 [1944-1945]). A linguagem, assim, não apenas reflete, mas também refrata as condições sociais em que ocorre a produção dos enunciados.

A compreensão dessas relações mostra-se especialmente relevante em uma sociedade na qual discursos circulam rapidamente por redes sociais, aplicativos de mensagens e sites de notícias. Nesse contexto, a ALD pode contribuir para que os estudantes reconheçam diferentes estratégias discursivas, identifiquem a diversidade de vozes presentes nos textos e avaliem criticamente as informações, aspectos relevantes diante de fenômenos como *fake news*, polarização ideológica e desinformação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Nessa dicotomia, o mundo da leitura é só o início do processo de escolarização, um mundo fechado, isolado do mundo onde vivemos experiências sobre as quais não lemos. Esse mundo escolar, onde lemos as palavras que cada vez menos se relacionam com nossa experiência concreta exterior, tem-se tornado cada vez mais especializado, no mau sentido da palavra.
>
> Ao ler palavras, a escola se torna um lugar especial que nos ensina a ler apenas as "palavras da escola", e não as "palavras da realidade". O outro mundo, o mundo da vida, o mundo no qual os eventos estão muito vivos, o mundo das lutas, o mundo da discriminação e da crise econômica (todas essas coisas estão aí!), não tem contato algum com os alunos na escola através das palavras que a escola exige que eles leiam (Freire; Shor, 2013, p. 236).

Optamos por iniciar as (in)conclusões suscitadas por esta investigação a partir das palavras de Paulo Freire por acreditarmos em uma educação dialógica que aproxima os estudantes da realidade em que estão vinculados. As palavras presentes dentro dos muros da escola devem se relacionar com os discursos existentes no mundo exterior, sendo estes atravessados pela linguagem, pelos conceitos e preconceitos da sociedade, além das relações de poder e dos interesses que norteiam os sujeitos.

Inserido nessas inquietações, o objetivo da investigação em tela consistiu em analisar as respostas de alunos do Ensino Médio acerca do propósito de se estudar LP na escola, por meio de palavras e expressões representadas em nuvens de palavras na plataforma Mentimeter. A produção desses dados ocorreu em dois momentos, anterior e posterior à intervenção didática, a partir da mesma pergunta: "Por que estudamos a Língua Portuguesa?"

Entre os dois momentos supracitados foram desenvolvidas, no âmbito de uma pesquisa-ação, práticas de ALD direcionadas à leitura de notícias jornalísticas relacionadas às eleições municipais de Campina Grande em 2024.

O percurso didático desenvolvido durante os seis encontros buscou aproximar os conhecimentos linguísticos das situações concretas de uso da linguagem. A leitura e a comparação de notícias que abordavam acontecimentos relacionados ao contexto eleitoral possibilitaram aos estudantes observar como diferentes escolhas linguísticas participavam da construção dos sentidos e da orientação dos enunciados. Nesse processo, o trabalho com verbos, substantivos e adjetivos ultrapassou a identificação e a classificação dessas categorias, articulando-as à reflexão sobre os modos de nomear, caracterizar e representar sujeitos, ações e acontecimentos nos textos analisados.

Mediante a comparação entre as respostas fornecidas nos dois momentos da investigação, observamos deslocamentos nas percepções dos estudantes acerca do estudo da linguagem. Inicialmente, os dados demonstraram perspectivas predominantemente relacionadas à aprendizagem de regras gramaticais, sendo "aprender gramática", "aprender regras" e "aprender as regras" respostas recorrentes antes da experiência pedagógica. Esses dados indicam a permanência, entre os estudantes participantes, de uma concepção de ensino de LP fortemente associada à aprendizagem de regras e conhecimentos gramaticais, aspecto relacionado às práticas tradicionais de ensino discutidas ao longo desta investigação.

Após a intervenção didática, por outro lado, as respostas passaram a evidenciar outras formas de compreender as finalidades das aulas de LP. O destaque atribuído a expressões como "leitura crítica", "desenvolver nossa opinião", "para desenvolver opinião" e "manipulação" pode ser relacionado às experiências de leitura e análise desenvolvidas durante a intervenção, nas quais os estudantes foram convidados a comparar diferentes construções discursivas de acontecimentos semelhantes e a refletir sobre os efeitos de sentido produzidos pelas escolhas linguísticas. Dessa maneira, as diferenças observadas entre as duas nuvens sugerem uma ampliação das percepções dos participantes, que passam a associar o estudo da língua não apenas ao conhecimento de regras gramaticais, mas também à construção de sentidos, ao posicionamento dos sujeitos e à leitura crítica dos discursos.

Ao experimentarmos, portanto, uma abordagem que busca potencializar a leitura crítica por meio da ALD, considerando aspectos contextuais, históricos, sociais e valorativos da linguagem, observamos possibilidades de ampliar a participação dos estudantes nos processos de reflexão sobre a língua. As

atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas, articuladas ao longo da intervenção, buscaram aproximar as palavras "da escola" das palavras "da realidade", uma vez que os estudantes são sujeitos atuantes na sociedade e se encontram continuamente diante de discursos que mobilizam recursos linguísticos para construir sentidos, avaliações e posicionamentos, assim como para emocionar, convencer e persuadir seus interlocutores.

Referências

ACOSTA PEREIRA, R. *A prática de análise linguística/ semiótica de base dialógica*: reflexões para leitores iniciantes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

ANTUNES, I. *Muito além da gramática*: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2020.

ASSIS, L. A digitalização da leitura e o consumo de informações. *Jornal da USP*, 2024. Disponível em: https://jornal.usp.br/artigos/a-digitalizacao-da-leitura-e-o-consumo-de-informacoes/. Acesso em: 18 dez. 2024.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1929].

BAKHTIN, M. *Questões de estilística no ensino da língua*. São Paulo: Editora 34, 2013 [1944-1945].

BORTONI-RICARDO, S. M. *et al.* (org.). *Por que a escola não ensina gramática assim?* São Paulo: Parábola, 2020.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 22 dez. 2024.

CAVALCANTE, M. do S. A. de O. Da leitura da palavra à leitura crítica do mundo: contribuições da análise do discurso para a prática da leitura na escola. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 19, n. 31, p. 1-11, jan./jun. 2024. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/142375. Acesso em: 17 dez. 2024.

CARR, W.; KEMMIS, S. *Teoría crítica de la enseñanza*: la investigación-acción en la formación del profesorado. Trad. J. A. Bravo. Barcelona: Martinez Roca, 1988.

CLARAS, S. M. *Semiótica, leitura, análise linguística*: uma proposta de intervenção no Ensino Fundamental. 2011. 356 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

FILHA, M. A. de S.; PEREIRA, M. A.; VALERIO, C. L. L. P. Práticas de ensino da leitura no viés da aprendizagem criativa. *Revista acadêmica online*, v. 10, n. 50, p. 1-13, mar./abr. 2024. Disponível em: https://revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/40. Acesso em: 18 dez. 2024.

FREIRE, P.; SHOR, I. *Medo e ousadia*: o cotidiano do professor. Tradução de Adriana Lopes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FUZA, Â. F.; RITTER, L. C. B. Práticas de leitura/análise linguística com tira em quadrinhos no Ensino Fundamental: uma proposta didático-pedagógica. *In*: ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. da C. (org.). *Prática de análise linguística nas aulas de língua portuguesa.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 453-481.

GERALDI, J. W. *A aula como acontecimento*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2015.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERALDI, J. W. (org.). *O texto na sala de aula*. Campinas: Assoeste, 1984.

LIRA, M. Mentimeter: o que é e como criar apresentações interativas. *B2B Stack*, 2022. Disponível em: https://blog.b2bstack.com.br/o-que-e-mentimeter/. Acesso em: 15 dez. 2024.

LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. de L. Pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 18, n. 1, p. 1-18, 2023. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17958. Acesso em: 15 dez. 2024.

NEVES, M. H. *Que gramática estudar na escola?* Norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, L. C. F. de *et al.* A importância da leitura na formação de uma aprendizagem significativa. *Revista Internacional de Estudos Científicos*, v. 1, n. 2, p. 71-97, jul./dez. 2023. Disponível em: https://periodicos.educacaotransversal.com.br/index.php/riec/article/view/117. Acesso em: 18 dez. 2024.

POLATO, A. D. M. *Análise linguística*: do estado da arte ao estatuto dialógico. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. O conto em prática de análise linguística dialógica no Ensino Médio. *In*: BARROS, E. M. D. de; STRIQUER, M. dos S. D.; STORTO, L. J. (org.). *Propostas didáticas para o ensino da língua portuguesa*. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 43-69.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. Atividades epilinguísticas valorativas em prática de análise linguística de perspectiva dialógica. In: ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. da C. (org.). Prática de análise linguística nas aulas de língua portuguesa. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021b. p. 183-218.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. Epistemologia teórica do nascimento da prática de análise linguística: décadas de 80 e 90. *In*: ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. da C. (org.).

Prática de análise linguística nas aulas de língua portuguesa. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021a. p. 31-72.

POLATO, A. D. M.; OHUSCHI, M. C. G.; MENEGASSI, R. J. Análise linguística em charge: sequência de atividades dialógicas. *Línguas & Letras*, v. 21, n. 49, p. 127-154, 2020. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/24631. Acesso em: 15 dez. 2024.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola?* Campinas: Mercado das Letras, 1996.

QUEIROZ, R. C. *et al.* Autorreflexão e pesquisa-ação crítica: tecendo diálogos. *LOGEION*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 184-196, nov. 2023. Disponível em: https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/6781. Acesso em: 15 dez. 2024.

RIBEIRO, F. B. V. *et al.* Abordagem interpretativista e método qualitativo na pesquisa documental: descrição geral das etapas de coleta e análise dos dados. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, v. 17, n. 1, p. 100-113, jan./mar. 2023. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/18159. Acesso em: 15 dez. 2024.

SANTOS, E. O Brasil que lê menos: pesquisa aponta perda de quase 7 milhões de leitores em 4 anos; veja raio X. *G1*, 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/11/19/o-brasil-que-le-menos-pesquisa-aponta-que-pais-perdeu-quase-7-milhoes-de-leitores-em-4-anos-veja-raio-x.ghtml. Acesso em: 18 dez. 2024.

SILVEIRA, E. *O aluno entende o que se diz na escola?* Rio de Janeiro: Dunya, 1997.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática*: uma proposta para o ensino de gramática no 1° e 2° graus. São Paulo: Cortez, 2001.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência

da linguagem. Tradução, notas e glossário de Grillo, Sheila; Américo, Ekaterina Vólkova. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926].